

Marujada de B (pa): (des)construções e construções.

Luíndia Azevedo, L.E.
Universidade do Amazonas
luinda@uol.com.br
Brasil

Resumo: Realizada em Bragança-PA, a Marujada teve origem em 1789, com a criação da irmandade de São Benedito e a construção da igreja ao padroeiro. Ao ritmo do “retumbão”, a dança lembra o balanço das ondas, e hoje, a Marujada é uma festa que através do sincretismo, ganhou re(signação), unidade e diversidade e o incremento do turismo. Como se deu o processo de intercâmbio de informações nos espaços inovadores de apropriação e reapropriação dos símbolos emblemáticos de uma celebração ibérica/afro que atravessou mais de 200 anos de construções e (des)construções para adentrar a lógica mercantilista do turismo?

Origem

A Marujada é uma manifestação tipicamente da microrregião do Salgado, município de Bragança, nordeste do Pará. Teve origem em 1789, quando os senhores de escravos permitiram que eles criassem a irmandade de São Benedito e construíssem uma igreja em homenagem ao santo. Em agradecimento, os negros foram à casa de seus senhores dançarem a Marujada.

Em Bragança, a dança constitui-se quase que exclusivamente por mulheres cabendo-lhes a direção/organização. Os homens tocam os instrumentos ou são apenas acompanhantes. Não há número limitado de marujas, ninguém fala ou canta. Não há dramatização de qualquer feito marítimo. Sua principal característica é a dança, no ritmo “retumbão”[1]. Retumbão é o lundum[2]; para alguns é o próprio lundum, puro que saiu da senzala para o salão aristocrático. Cadenciado por um grande tambor, é ritmo lento, grave, e na Marujada, discretamente sensual. As mulheres usam blusa branca, pagueada e rendada, saia rodada vermelha ou branca com ramagens de diversas cores. A tiracolo usam uma fita azul ou vermelha. Na cabeça, um chapéu todo emplumado e cheio de fitas de várias cores. O chapéu é a parte mais vistosa da indumentária, normalmente fabricado de carnaúba, de palhinha ou mesmo de papelão. Furado internamente e externamente para segurar cordões, prender papéis de cores, casquilho dourado ou prateado. Ao alto, plumas e penas de aves de diversas cores formam um largo penacho. No pescoço, colares de contas ou cordões de ouro e medalhas. Os homens usam calça e camisa branca ou de cor, chapéu de palha revestido de panos e com uma flor em uma de suas abas.

Quando elas dançam... parecem as ondas do mar

Tambor grande e pequeno, cuíca, pandeiro, rabeca, viola, cavaquinho e violino são os instrumentos musicais que acompanham as marujas que caminham ou dançam em duas filas. Seus

passos lembram o balanço das ondas, tendo à frente de uma fila a Capitoa, e na outra fila, a sub-capitoa. A Capitoa leva um pequeno bastão de madeira, enfeitado de papel, tendo na extremidade uma flor. Atrás e no centro, fechando as duas alas vão as marujas e os marujos. Em fila, a dança é de passos curtos e ligeiros, um volteio ora numa direção, ora noutra, inversamente. Assim elas dançam descrevendo graciosos movimentos, tendo os braços ligeiramente levantados para a frente e à altura da cintura, como se tocassem castanholas. A dança obedece ao compasso marcado do tambor grande. A marujada dança de preferência nos seus barracões, um ao lado da igreja e outro próximo da casa do juiz ou juíza.

A organização e a disciplina são exercidas por uma Capitoa e por uma sub-capitoa. A escolha da capitoa é feita pelas marujas, em assembléia. A partir daí, a Capitoa escolhe a sua substituta, nomeando a sub-capitoa, que somente assumirá o bastão de direção por morte ou por renúncia daquela.

Hoje, a Marujada é uma festa composta por elementos provenientes de matizes culturais bem diferentes, mas que através do sincretismo, ganhou uma resignação, uma unidade e uma diversidade. Existe oferenda para santo, homenagem a náufragos, missa, procissão e até uma alusão à cavallhada- guerra religiosas travadas na Idade Média entre mouros (trajados de azul) e cristãos (trajados de vermelho). A festa atrai milhares de turistas e movimentam a cidade durante o ano inteiro. Os preparativos começam em junho quando três imagens de São Benedito percorrem o município de Bragança e os vizinhos arrecadando donativos e ex-votos de promesseiros. Nos dias 25, 26 de dezembro (dia de S. Benedito) e no dia 1º de janeiro acontece o ponto alto da festa: a dança da Marujada.

E, ... a Marujada de outros lugares...???

A Marujada do Nordeste e outras partes do país, é uma dança dramática, de inspiração náutica, de origem ibérica, com diversas denominações diferentes, de região para região. Denominada de Nau Catarineta, Barca, Fandango ou Chegança de Marujos. São danças realizadas através de uma auto-dramatização da tragédia da nau Catarineta, com o domínio do canto sobre a dança. Barca é a dança realizada em João Pessoa-PB, onde os personagens vestem-se marinheiros, o enredo narra as tormentas em alto mar e trabalhos a bordo, como também o episódio da "libertação da Saloia", iniciadas com troca de sinais entre a "Nau Catarineta" e a "Fortaleza do Diu". Consta o auto de cantos, recitativos, diálogos e da "morte e ressurreição do Gajeiro". Os personagens são masculinos, excluindo a Saloia, que é interpretada por uma menina moça.

O fandango tem vários sentidos no Brasil. Em alguns estados do nordeste, fandango é o bailado dos marujos ou marujada, ou ainda, chegança dos marujos ou barca. No Sul (S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), fandango é a festa, baile com danças regionais. Acredita-se que os portugueses tenham introduzido o fandango no Brasil, sobretudo pelos nomes que as variações dessa dança recebem no sul do Brasil: marrafa, manjerição, tirana, ciranda, cana verde e outras.

Bragança: peróla do Caeté, monumentos históricos e praias oceânicas

Praias oceânicas, maior reserva de guarás vermelhos do planta, monumentos históricos, cultura popular, rios de água cristalina e a ... Marujada. Bragança é uma das cidades mais antigas do Estado do Pará, localizada na microrregião do Salgado, nordeste do Pará. Primeiro vieram os franceses, depois os espanhóis e finalmente, os portugueses, encarregados pela maioria da construção dos prédios da cidade. Hoje, a pequena vila que se tornou município em 1975, conta com mais de 80 mil habitantes e vive basicamente da pesca e da agricultura, sendo a farinha e o caranguejo, os principais produtos da região. Bragança tem ligação com Belém por saídas diárias de ônibus, vans, táxis. A viagem a partir de Belém, tem a duração de duas e meia de carro, e de três ou quatro horas de ônibus. Apesar de não ter linha regular de avião para o município, há uma pista de pouso afastada com capacidade para aeronaves de pequeno e médio porte. A viagem dura cerca de 50 minutos, ao preço médio do frete por R\$ 800,00. Mesmo tendo acesso marítimo e fluvial, esse transporte é pouco utilizado, sendo a viagem de estrada mais rápida e segura.

O início das obras de construção da estrada de ferro que ligaria Bragança a Belém, começou em 1884. Vinte e cinco anos se passaram e somente em 1908, a estrada foi concluída. A importância dessa ferrovia foi de grande porte para a economia do Pará, uma vez que era o meio mais rápido de escoar a produção local que vinha da região bragantina. Sua viagem durava cerca de dez horas e percorria 93 km, em dois tipos de trem, um para transporte e outro para passageiros. À época, os governos locais não conseguiram manter a estrutura que necessitava de um novo tipo de transporte, com isso, o sonho de acelerar a imigração e o desenvolvimento na região transformou-se em uma quimera. Os restos da estrada de ferros transformou-se no prédio, que, atualmente abriga o Terminal Rodoviário de Belém, e os vagões do trem abriga uma sorveteria no Parque da Residência, antiga residência oficial dos governadores.

Bragança conta um número razoável de hotéis e pousadas e tem pelos menos quinze prédios históricos a ser visitados. Destacam-se nesse sentido a Prefeitura Municipal, o Coreto, a Casa da Família Medeiros e o Instituto Santa Terezinha. O prédio da prefeitura foi inaugurado em

1902, é cópia fiel do Palácio de Bragança, em Portugal. Todo em alvenaria, sua cobertura é de telha de barro e o piso revestido em ladrilho hidráulico. O coreto, denominado de Pavilhão Senador Lemos, fica em frente à Prefeitura, foi construído e inaugurado, em 1910. Suas peças vieram da Europa e representam o marco do ciclo da borracha na Amazônia. A Casa da família Medeiros é em estilo português, com o assoalho de acapu e pau-amarelo, o forro original é pintado de azul e branco. Os azulejos são o marco mais interessante nas paredes externas da casa. O Instituto Santa Terezinha, fundado em 1938, hoje, funciona como residência das feiras missionárias e como escola de primeiro e segundo graus.

A área mais chamativa de turistas de Bragança é realmente, a praia de Ajuruteua ("teua" significa lugar e "ajuri" é devido à fruta da região, que tem o mangue como seu hábitat.) É considerada uma das mais belas praias do litoral paraense, com um mar propício tanto a surfistas arrojados quanto a banhistas tímidos. Fica a 20 minutos de carro de Bragança. São mais de 150 km de areia branca, fina, águas claras e ondas fortes, além de ser cercada por dunas e mangues. Em julho, com o início do verão local, é invadida literalmente por turistas de vários lugares do país e do exterior. Já nos outros meses, fica deserta, apenas povoada de pescadores, caranguejeiros, meninos e meninas vendedores de "ajuri" e de alguns surfistas à espera, talvez da "pororoca"[3], sonho de todo surfista da região amazônica.

Ajuruteua conta uma infraestrutura- hotéis, pousadas, bares, mercadinhos- adequada ao número de visitantes, sendo o lugar ideal para degustar o famoso caranguejo ao toc- toc. É um lugar tranquilo, onde o turista pode passear de barco pelos rios da região, e, ainda, participar de uma breve e relativa experiência do modo de vida dos pescadores da região.

Outro atrativo é Ilha das Canelas, uma ilha oceânica localizada na costa de Bragança. Belíssimas praias de areias finas e desertas compõe um cenário mítico e solitário. Conhecida como a ilha dos pássaros, pela grande diversidade desses animais, em especial dos guarás vermelhos, aves em extinção no mundo. É de consenso geral entre os especialistas no assunto que Canelas possui o maior ninhal do planeta.

Alimentam-se de peixes e microcrustáceos, que povoam as áreas de mangue, muito encontradas em Bragança. Chega-se à ilha de barco ou voadeira, a viagem dura pelo menos duas horas.

A viagem é inesquecível: os caranguejos saem da terra e suas cores vivas chama a atenção dos viajantes. Como explicação sobre o colorido dos caranguejos, os pescadores contam o seguinte: o peixe baiacu e o aratu (espécie de caranguejo) fizeram um acordo onde cada uma pintaria o corpo do outro. O baiacu cumpriu sua parte, tingindo de muitas cores o caranguejo que depois de enfeitado, ficou envaidecido e ao mesmo tempo, por preguiça, pintou apenas três listras pretas no baiacu. Enraivecido, o baiacu resolveu vingar-se do aratu e até hoje toda vez que se encontram o baiacu devora o traidor.

Não há infraestrutura, a não ser as casas que fazem parte do povoado de pescadores. Nas casas, os turistas encontram hospedagem. No povoado pode-se degustar uma iguaria muito própria dos pescadores da região bragantina: "o avoadado" (receita típica e muito usada quando vão pescar por muitos dias, ficando o tempo livre muito curto; o peixe fresco é limpo sem tirar a pele, temperado apenas com sal e depois colocado para assar diretamente sobre as brasas de um fogareiro de barro ou de uma pequena fogueira. O "avoadado" é acompanhado de farinha de mandioca).

A ilha, hoje, constitui-se uma área de preservação ambiental devido em grande parte aos seus mangues e aos ninhos de guarás vermelhos.

Marujada: construções e (des)construções do turismo

Em que patamar se dá ou não a relação da Marujada com a indústria do turismo? Provavelmente a indústria do turismo não atue diretamente sobre a festa e o que ela representa, até porque a maioria das pessoas visitantes do município não se interessam em entender o que está sendo mostrado. Não se interessar em compreender aquilo que está sendo mostrado na Marujada foi o maior enfoque da pesquisa realizada por alguns alunos do curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará, em (2000):

"a festa é muito bonita. Da mesma forma que podemos encontrar pessoas que demonstram não se importar muito com a Marujada, outras, pelo simples fato de conversar sobre o assunto se emocionam, choram e lembrando de fases de sua vida que se re-lacionam com o festejo em homenagem a São Benedito".

Infraestrutura, acomodações, conforto, bem-estar, atendimento com qualidade, alimentação, enfim satisfação pessoal é, o que realmente, interessa ao turista. Nesse sentido Rodrigues (1997) enfoca que essa satisfação pessoal do turista é colocada como condição básica inerente ao turismo, ou seja, a satisfação das necessidades do turista, para que este seja um consumidor generoso e prazeroso.

Rodrigues (op.cit.) compartilha com Swarbrooke (2000) que se deve pensar na relação custos X benefícios que o turismo traz à população residente, impactos relacionados com a economia e impactos relacionados com a vida social, política e cultural dos moradores da região. Como se dão esses impactos? Dentre os impactos econômicos positivos para o beneficiamento de uma localidade turística estão: o aumento de receitas, estímulo de investimentos, aumento do recebimento de divisas, geração de empregos (ainda que temporários), implantação de infraestrutura, capacitação de recursos humanos. Nos impactos negativos, temos o monocultivo do turismo, o desvio de benefícios econômicos e transformações nas ocupações profissionais, dentre outros.

Dentre os impactos sócio-culturais positivos temos: conservação do Patrimônio Cultural, renovação da identidade cultural, intercâmbio entre as culturas do visitante e o visitado, desenvolvimento de novos mercados para artesanato e formas de artes tradicionais, renovação de formas de artes tradicionais, aumento da conscientização de estilos de vida em todos os lugares do mundo, migração para a comunidade de pessoas dinâmicas para nela morarem e/ou trabalharem. Já os impactos negativos são: comercialização excessiva, perda da autenticidade das manifestações culturais, conflito de valores, superpopulação acarretando perda de espaço para o local, pressão para substituir o artesanato tradicional por outros produtos que os turistas exigem, banalização/modificação de formas de arte tradicionais para satisfazer desejos dos turistas; novos hábitos alimentares (fast food), crescimento de criminalidade e dominação da comunidade por imigrantes de outras comunidades.

Os impactos econômicos tanto os positivos quanto os negativos são mais visíveis (tangíveis) e os mais convincentes quando se trata de investimentos para alavancar o turismo em uma cidade, porque geram uma resposta mais rápida de acordo com o desenvolvimento turístico local. Já, os impactos culturais são menos visíveis (intangíveis), por serem mais claros somente a longo prazo. Normalmente quando são detectados, pelo menos os negativos, a descaracterização das formas simbólicas já estão num nível bem abaixo do que se quer. O estágio de irritação total dos locais em relação ao turista ganha uma escala tão grande que acaba por prejudicar a experiência da viagem.

Em que medida pode haver construções e (des)construções nas manifestações culturais, especificamente, a Marujada através da mercantilização do turismo? Na literatura especializada, o turismo é seriamente questionado em função da descaracterização e padronização cultural. Argumenta-se, assim, que o caráter essencialmente mercantil do turismo provoca sérios impactos

no interior da cultura popular e no artesanato. Como conseqüências, temos descaracterização e padronização dos produtos culturais. Pretende-se, aqui, trabalhar as construções e (des) construções criadas pela indústria do turismo, dentro de uma perspectiva mais adequada à dinâmica do processo social que vivemos enquanto sujeitos históricos. O turismo em nossa realidade contemporânea cria condições para o estabelecimento de uma relação de confronto/aproximação entre o artesanal, enquanto reino do primitivo, do exótico e do original, e o industrial, enquanto reino da produção em série, da moda, do comum.

De que forma o estudo da articulação das festas ditas populares podem se articular com o mercado capitalista e desse modo, construir relações sociais, sob a perspectiva de que essas manifestações, hoje, constituem-se produtos e bens culturais que estão à venda e à disposição de uma maior número de consumidores de coisas diferentes de seu dia a dia? É possível, ainda, nessa fase de globalização, de mundialização da cultura e do fenômeno turismo dizer que festas populares podem não ter o viés do mercado capitalista, a exemplo de algumas festas no México, estudadas por Canclini (1982)? Em que medida a Marujada está próxima do mercado capitalista? Se antes, era uma pequena homenagem a São Benedito, transformando-se, hoje, numa festa composta por elementos provenientes de matizes culturais bem diferentes, mas que através do sincretismo ganhou uma (re) signação, uma unidade e uma diversidade? Existe oferenda de santo, homenagem a naufragos, missa, procissão, almoço do juiz, jantar da juíza e até uma alusão à cavallhada - guerra religiosa travada na Idade Média entre os mouros (trajados de azul) e cristãos (trajados de vermelho). A festa atrai milhares de turistas e movimentam a cidade durante o ano inteiro. Os preparativos começam em junho quando três imagens de São Benedito percorrem o município arrecadando donativos e ex-votos de promesseiros. Nos dias 25, 26 de dezembro (dia da S. Benedito) e em 1º de janeiro acontece o ponto alto da festa: a dança da Marujada.

A mídia e a indústria do turismo estão interessados em fenômenos culturais que dêem retorno comercial, que dêem público e publicidade. Num determinado momento, indaga-se, a Marujada pode estar sendo produzida, no sentido de "espetáculo" apenas para o turista? É muito cedo para responder, de maneira definitiva, a essa indagação. Elementos e cenários mais configurativos da indústria do turismo e do capitalismo, cujas lógicas consistem em buscar cada vez mais o lucro, ainda, não estão desenhados na festa da Marujada. Não pode-se dizer que a Marujada constitui-se em mercadorização cultural e que necessariamente haverá a destruição do significado dos produtos culturais, que orientados para turistas, adquirem novos significados para os seus produtores.

Aquilo que é oferecido aos olhos dos turistas como imagens dominantes da cultura hospedeira é também o que os membros da população local devem olhar e considerar como imagens de quem eles são. Turismo, torna-se, assim, importante meio por intermédio do qual emerge o sentido de uma estética dividida e de uma identidade coletiva.

Dentro dessa ótica, o turismo constrói laços entre o primitivo, o exótico, o tradicional e a mercadorização visando a reinvenções das tradições. Pontes são criadas entre os fenômenos culturais e o turismo. E esses fenômenos culturais, atualmente, estão sendo assimilados por contingentes sociais que possuem maior interação no conjunto da sociedade, como a classe média. As classes sociais, então, passam a interagir de maneira mais dialética. Cultura, turismo, infraestrutura e mercado interagem em várias combinações na busca de envolvimentos, mesmo temporários, como a Marujada. Esses envolvimentos viabilizam ações de políticas culturais e turísticas que proporcionam geração de emprego e de renda.

Considerações

Embora seja predominante a tese de que o desenvolvimento das sociedades modernas provocou a extinção da tradição, como se não pudesse mais haver passado, formula-se a hipótese de que como muitas crenças, práticas religiosas - apesar do avanço do pós-modernismo - continuam a nortear muitos fenômenos culturais? No caso da Marujada, como sustentar a tese de que ela mesmo com suas mudanças e recriações continua, em sua essência, a prestar homenagem a São Benedito? Quando Cohen (op.cit.: 386) fala de "identidade coletiva", argumenta-se que a Marujada possui não somente uma identidade coletiva, mas também uma individual e que ambas não são excludentes. A identidade individual reafirma a identidade coletiva e a manutenção do grupo. É como se a perdurância da festa e do grupo só pudessem permanecer quando as duas se mantiverem vivas e presentes. Quando a Marujada é "mostrada" aos turistas, a auto-identidade se forma a partir do sentido que cada um brincante tem de si mesmo. E a coletiva se apresenta quando cada um mostra pertencer como membro de um grupo social. Em síntese, as duas intensificam o sentimento de "pertença" de parte de um grupo social que tem uma história e vários objetivos: oferecer através da dança da Marujada uma volta às origens numa forma de reconstruir e reconectar os indivíduos- turistas em seus lugares de origem, reais ou imaginários. Baseado nesses princípios, o turismo acaba sendo trabalhado como uma forma de manifestação da comunicação humana, da convivência social e da produção de cultura pelo homem.

Como então trabalhar a questão de que os turistas procuram atrativos que não estão integrados no seu trivial, como o exótico, uma situação diferente? Dentro dessa visão, corroborada

por Pelegrino Filho (1993:126-9), o desenvolvimento do turismo no Brasil, inseriu as manifestações do folclore ou cultura popular em “ofertas diferenciadas”.

A maioria dos defensores das culturas populares salientam que a presença massiva de turistas implica em “descaracterização” de determinadas manifestações folclóricas, inclusive enfatizam seu desaparecimento. Outros preferem adotar uma outra ótica, e entre eles, Pelegrino Filho (op.cit.:127), compartilha a idéia de que pode haver substituições e recriações, num processo dialético. No meu entender, as manifestações populares ou fatos folclóricos estão inseridos na dinâmica sociocultural, sofrendo não somente inferências da mídia contemporânea, mas também modificações provenientes do próprio grupo que procura manter, não na ótica do imobilismo, mas na perdurância da manifestação e do próprio grupo. Turismo e legado cultural se interpenetram na Marujada, na busca de reinventar a tradição na pós-modernidade.

Bibliografia

- AZEVEDO, L. E. (2001). Festas, festas de santo: rituais amazônicos. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom-. Campo Grande. Anais eletrônicos... Campo Grande: UFMS, 2001. Disponível em: <http://www.intecom.org.br/gt/folkcomunicação>
- _____(2000). Boi Bumbá de Parintins: cenários na Pós-Modernidade e sua inserção na Pós-Modernidade. 127p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- BOURDIEU, P. (1989). O poder simbólico. Lisboa: Difel, R.J.: Bertrand, Brasil.
- BRANDÃO, C. R. (1978). O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Funarte.
- CASCUDO, Câmara (1972). Dicionário do Folclore Brasileiro. Natal: Tecnoprint.
- CANCLINI, N.G. (1997). Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. S.P.: Edusp.
- _____(1983). As culturas populares no capitalismo. S.P.: Brasiliense.
- CERTEAU, M. (1994). A invenção do Cotidiano: artes do fazer. 4.ed. RJ: Vozes.
- COHEN, E.(1998). Authenticity and commoditization in tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 15
- DA MATTA, R. (1994). O que faz o brasil, Brasil? . R. J.: Rocco.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. R.J.: Zahar, 1978. (Col. Antologia Social).
- GRAMSCI, A. (1968). Literatura e Vida Nacional. R. J.: Civilização Brasileira.
- LOUREIRO, J. J.P. (1995). Cultura Amazônica, uma poética do imaginário. Belém: Cejup.
- MAFFESOLI, M. (1998). Tempo das Tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. R. J. Forense Universitária..
- MAYNARD ARAÚJO, A. (1973). Cultura Popular Brasileira. S. P.: Melhoramentos.
- ORTIZ, R. (1994). Mundialização e Cultura. S.P.: Brasiliense.
- PELEGRINO FILHO, A.(1993). Ecologia, Cultura e Turismo. SP.: Papyrus, (col. Turismo).
- RODRIGUES, A B. (1999). Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. S.P.: Hucitec.
- SWARBROOKE, J. (2000). Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental. S.P.: Aleph.

- THOMPSON, J. B.(1998). A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes.
- TURNER, V. (1974). O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes.